

albumina, 10,4%, Beta Globulina 10,4%, Gama Globulina 21,7%. Cadeia Kappa 29,17, Cadeia Lambda 19181, Relação < 0,01. IgG: 437 mg/dL. IgM: 20,6 mg/dL. IgE: 4,3 mg/dL. IgA: 13,6 mg/dL. IgD: > 16320 mg/dL. Beta-2 microglobulina: 18900 nmol/L. Imunoeletroforese de proteínas urinárias: banda monoclonal cadeia leve Lambda. Tomografias computadorizadas para inventário ósseo evidenciaram lesão osteolítica de 0,6 cm em S1 à direita e redução difusa da densidade óssea com raras diminutas lesões líticas em coluna cervical. Imunofenotipagem de medula óssea com 5% de plasmócitos. Biópsia de medula óssea com 95% de infiltração de plasmócitos com padrão Lambda. Dessa forma a paciente foi diagnosticada com Mieloma Múltiplo IgD Lambda. Foi iniciado o protocolo VTD (Bortezomibe + Talidomida + Dexametasona) associado a profilaxias com Aciclovir, Levofloxacino e Sulfametoxazol + Trimetoprima. Durante este período mantém hemodiálise três vezes na semana, permanecendo no decorrer de todo o período com Clearance de Creatinina < 30 mL/min/1.73m². Atualmente paciente segue protocolo de quimioterapia ajustado para função renal. **Discussão:** Os pacientes com MM IgD apresentam sintomas mais graves, incluindo anemia, insuficiência renal, lesões ósseas e outros sintomas relacionados ao acúmulo de proteína monoclonal no organismo. O prognóstico geralmente é menos favorável em comparação com outras formas de MM mais comuns. **Conclusão:** Em suma, o MM IgD representa um desafio clínico significativo e que apesar da doença ser incurável, faz-se necessário o diagnóstico precoce como forma a ampliar as possibilidades de tratamento. Desta forma, a prevenção de complicações e um manejo adequado podem impedir um pior prognóstico, além de influenciar na expectativa e na qualidade de vida do paciente.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.876>

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM MIELOMA MÚLTIPLO OU OUTRAS NEOPLASIAS MALIGNAS DE PLASMÓCITOS NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

VA Mendes^a, GT Brauns^b, IB Assuf^a,
LCSG Silva^a, CS Rodrigues^c, GN Alencar^a,
IC Fontoura^a, GVS Torres^b, EB Riscarolli^d,
KG Frigotto^e

^a Faculdade Souza Marques, Brasil

^b Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy (UNIGRANRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^c Universidade Estácio de Sá, Brasil

^d Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Objetivos: O objetivo deste trabalho é descrever o perfil epidemiológico dos pacientes diagnosticados com mieloma múltiplo (MM) ou outras neoplasias malignas de plasmócitos, na região Sudeste do Brasil nos últimos 10

anos. Dados de base populacional são relevantes para entendimento do perfil epidemiológico dessas doenças, para elaboração de intervenções de saúde direcionadas. **Material e métodos:** Estudo ecológico, realizado em maio de 2024, utilizando dados públicos referentes aos diagnósticos de MM e outras neoplasias malignas de plasmócitos na região Sudeste do Brasil, por local de residência, entre os anos de 2014 a 2023. Os dados públicos foram obtidos do Painel de Oncologia Brasil do Sistema Único de Saúde (SUS), e as variáveis selecionadas foram: sexo, faixa etária, diagnóstico detalhado, e residência na região Sudeste. Não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa pois são dados de acesso público. O programa Microsoft Excel foi utilizado para tabulação dos dados e cálculos realizados. **Resultados:** Ao todo foram 15614 casos diagnosticados de MM ou outras neoplasias malignas de plasmócitos entre 2014 e 2023 na região Sudeste do Brasil, sendo 8158 (52,3%) no sexo masculino, e 7456 (47,7%) no sexo feminino. A faixa etária com mais casos no sexo masculino foi a de 60 a 64 anos (16,4%), e no sexo feminino foi entre 65 a 69 anos (17,6%). De 2014 a 2023, foram registrados, respectivamente: 1133 (7,1%), 1161 (7,4%), 1144 (7,3%), 1195 (7,7%), 1391 (8,9%), 1655 (10,6%), 1606 (10,3%), 1847 (11,8%), 2480 (15,9%), 2002 (12,8%), casos na região Sudeste, sendo 2022 o ano com maior número de casos registrados em ambos os sexos. De 2014 a 2017, a faixa etária com maior número de casos foi de 60 a 64 anos, porém, exceto por 2020, nos anos seguintes a faixa etária com maior número de casos foi a de 65 a 69 anos. Exceto em 2016, 2020 e 2021, foi observado aumento no número de casos em todos os anos estudados. **Discussão:** As neoplasias malignas de plasmócitos são doenças hematológicas caracterizadas pela proliferação descontrolada e malignização das células plasmáticas. Além do MM, outras neoplasias malignas de plasmócitos incluem o linfoma de células plasmáticas e a Doença de Waldenström. O MM é responsável por cerca de 10% das malignidades hematológicas. Segundo a literatura, homens são mais afetados do que mulheres, o que corrobora com os dados encontrados neste trabalho. Quanto à idade do diagnóstico, dados do ano de 2022 do Observatório de Oncologia apontaram uma mediana de 63 anos no Brasil, já neste trabalho, a mediana foi entre 65 a 69 anos. Cabe ressaltar que o Painel de Oncologia Brasil do SUS não separa o MM de outras neoplasias malignas de plasmócitos, o que pode ter influenciado nesses resultados. **Conclusão:** Observou-se aumento no número de casos diagnosticados de MM ou outras neoplasias malignas de plasmócitos na região Sudeste do Brasil na maioria dos anos estudados, sendo o ano de 2022 com maior número de casos diagnosticados, predominantemente no sexo masculino. Quanto à faixa etária, a com maior número de casos foi em pacientes de 60 a 64 anos até 2017, com uma tendência a mudança para 65 a 69 anos nos anos seguintes. Os dados encontrados corroboram com a literatura, e reforçam a necessidade de estratégias de saúde pública direcionadas para perfil epidemiológico mais acometido pelo MM e outras neoplasias malignas de plasmócitos na região Sudeste do Brasil.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.877>